

Poesias

Alexsandra Maria Sousa Silva (*LeLé*)

ÁGUA

Sentir a água fria da chuva que cai lá fora
Mas que parece cair aqui, exatamente dentro de mim,
Que me molha e me sacode os sentidos
Que me entorpece,
Faz-me sentir a vida,
O amor que pulsa em sua plenitude.

Toca uma musica lá fora,
Uma luz que vem do céu, das índias,
Uma luz de espírito
Que me acolhe a alma,
Molhada de um amor sedento,
O mesmo amor que a chuva traz a pedido dos deuses.

O céu revela:
O tom da vida pulsa,
Cantando a própria vida,
A natureza proclama as palavras,
Em forma de poesia,
Que cai junto com a chuva,
À mando do amor dos deuses.

A água que aqui me banha é a mesma que chega aí, e em todos os lugares
Junto dos sons, dos tons e das poesias...

Banhemo-nos nessas gotas,
Pois amanhã será o orvalho
Que amanhecerá nosso dia
Mostrando o sol que irradia,
Pleno de luz,
Com a mesma intensidade do afeto que sai dentro de nós.

O SONHO E A CASA

Estava ela lá, num balanço quase maternal
Alguém se aproxima,
Depois outro aconchega a cabeça,
Em resposta: um encontro leve.
Mais movimentos adentram, compassadamente.
De repente: éramos seis num só embalo,
O mesmo que ainda acalentara os sonhos mais belos de nos-
sa infância querida.

O violino anuncia: é hora de partir!
Deixando o aconchego,
Um corpo saía, bailando, brilhando.

O lago de água azul estava à nossa espera.
As imagens refletiam uma beleza única.
A água que banhava o rosto era a mesma que purificava a alma.
(Era real: eu vi, eu senti!)

A mão percorre o corpo,
À espera do toque suave.
Com todo seu magnetismo, a terra atraí.
O olhar olha para dentro de si
Um cheiro doce se espalha pelos arredores.

O céu e a estrela testemunham
O enlace dos corações, palpitantes, já encharcados de emoções.
Outra vez à espera
E o toque re-vela:
É hora de deitar!
O pé acaricia um rosto que mais parecia uma pétala, mas não,
Era o rosto daquela bailarina cor-de-ouro.

Aquele corpo que desaguara foi o mesmo que ajudara o outro a se re-erguer.
Já erguido, a fluidez o levava para um caminhar.

Em meio à multidão de olhares, um encontro vibrante.

Mão, corpo, chão,
De frente, de lado,
Por cima, por baixo.
Realidade, leveza e aconchego pintavam aquele cenário com
sonhos coloridos.

Quadris moventes,
Mãos que escreviam pelo ar.
Outras formas se apoderavam das cenas,
Por fim, os pés: iam cá, iam lá
Se preparando para o balbuciar de um adeus breve.

Ao só da caixinha de música, a bailarina cor-de-ouro se traduzia em dança.

A mulher encantada, também se encantava

E o encanto a denunciava:

Ela buscava a dança para sobreviver!

A caixinha perdeu-se em segredos,

Mas aquele som, permanecera vivo nas lembranças das memórias de cada dia.

À postos, as sombras saltitavam,

O abraço cheio de vida, seguido de um sabor doce de manga a entranhar-se pelos sentidos.

O olhar estava a caminho,

Alguém disse que era uma rainha,

Mas o que ninguém sabia era que esta rainha só sabia reinar em meio aos sonhos aconchegantes daquela única casa.

O aroma e as lembranças de um vilarejo faziam a saudade percorrer o rosto.

Alguém abria, delicadamente, as janelas.

De repente, a fuga!

Eram os sonhos que, num intervalo quase infundável, escapavam vorazes, pelas janelas.

Não tinha o que fazer: eles precisam do mundo e o mundo ainda precisa deles!

O olhar se seguia, percorrendo um caminho sem volta, sem re-volta.

O aconchego extravasou o sentir, fazendo-os fluir por toda casa.

Primeiro pela cozinha, depois pela sala.

No quarto, o ninho se (re)forma, se(per)forma.

Foi nesse mesmo e exato instante que, no quintal ao lado:

“O cachorro latiu sorrindo”...

Tudo foi como um sonho sem tempo marcado para despertar...